

FMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	12.04.97	
Caderno	1	Página 8
Seção		
Assunto	Centro Histórico (Pelourinho)	

Mistérios nos subterrâneos de Salvador

Maiza de Andrade

A existência de subterrâneos em vários locais do Centro Histórico de Salvador vem despertando a atenção desde o século passado, quando foi descoberto um espaço abobadado pelos operários que trabalhavam na Catedral Basílica para o sepultamento do bispo dom Romualdo Seixas, em 1860. O técnico em computação Luiz Leal Filho, que há mais de dois anos se dedica por conta própria à pesquisa histórica, afirma que entidades ligadas à ciência e à cultura, como a Universidade Federal da Bahia, deveriam ter mais interesse pelo assunto, em razão do mérito arquitetônico das edificações e do que podem revelar do nosso passado.

Há muito de fantasia em torno do tema, admite o pesquisador, negando a versão mais corrente de que os subterrâneos não passavam de estruturas para a canalização de águas pluviais e esgotos. "Salvador só passou a contar com esgotos no século passado, com as obras do Visconde de São Lourenço na Rua da Vala, que hoje é a J.J. Seabra ou Baixa dos Sapateiros", disse, antecipando o assunto que irá tratar em palestra, no dia 16, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Segundo ele, a cidade era muito suja e com odores fétidos que exalavam mais fortemente em certas horas do dia, conforme atestam documentos da época em que os escravos carregavam as fezes em tonéis para o despejo no mar ou nas vias menos frequentadas.

Luiz Leal Filho acredita que os subterrâneos eram construídos por militares, civis e religiosos por

questões de segurança, devido às constantes invasões de índios e piratas. Para provar a sua tese, cita documentos da época, como a carta do presidente da província para o chefe de Polícia autorizando uma busca na Capela do Rosário, onde se suspeitava estarem escondidos, nos dois sumidouros, armas e pessoas ligadas à rebelião conhecida como Sabinada, em 1838. Outro documento citado pelo pesquisador é uma carta do Padre Vieira, na qual ele se refere ao sistema "perfeito" de comunicação existente na província e também às cavas que eram usadas na segurança antes de se fazerem as trincheiras durante os ataques invasores.

A preocupação do cardeal-arcebispo D. Álvaro Augusto da Silva, quando da assinatura do convênio para a instalação do Museu de Arte Sacra, no Convento de Santa Tereza, também é mostrada pelo pesquisador como indício da finalidade dos subterrâneos. Ele lembra que no documento de nº 89 da Arquidiocese há um item que ressalta o direito desta sobre tudo que "de precioso ou histórico for encontrado" nos trabalhos executados no convento.

Bandidos

Longe de atrair investimentos públicos para a pesquisa histórica, alguns subterrâneos têm servido, atualmente, como esconderijo de bandidos, a exemplo do que liga o Taboão ao antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus. Luiz Leal Filho não pôde fotografar o local devido ao temor dos moradores em serem desalojados. Mesmo assim ele orientou um deles a usar a câmera e conseguiu fotos consideradas inéditas. Outro pon-



Grandes túneis ligam pontos diversos do centro de Salvador e são usados, hoje, como esconderijo de marginais

Fotos: Carlos Casaes



Pesquisador Luiz Leal Filho

to que desperta o interesse dele é a encosta sobre a qual está o prédio da Coelba, na Praça da Sé, que fazia parte do Colégio dos Jesuítas. Ele disse que por ali passa um subterrâneo e que a sua saída fica na Ladeira da Misericórdia, local de alta periculosidade, além de a muralha estar sob sério risco de desabamento.

A exploração das galerias subterrâneas requer respaldo oficial, principalmente para se ter acesso às casas das pessoas, e também um esquema de segurança, devido ao risco da ação dos marginais, informou ele. O desconhecimento dessas estruturas, erguidas há vários séculos, tem trazido alguns problemas para as edificações modernas, a exemplo do que aconteceu na Rua Augusto França, no Largo Dois de Julho, onde casas já afundaram, segundo relato da moradora Julieta Diniz Gonçalves ao pesquisador. Luiz Leal Filho afirma que o estudo aprofundado do assunto é imprescindível até mesmo para eventos como o Carnaval, pois a Praça Castro Alves tem várias galerias e, segundo ele, pode ceder com a vibração e o peso sobre ela.